



É POSSÍVEL CONSTRUIR UMA CARREIRA ACADÊMICA ANCORADA NA PRODUÇÃO DE ENSAIOS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO?

¿ES POSIBLE CONSTRUIR UNA CARRERA ACADÉMICA ANCLADA EN LA PRODUCCIÓN DE ENSAYOS EN EL ÁREA DE LA EDUCACIÓN?

Flávia Diniz Roldão¹

Araci Asinelli-Luz²

Resumo: É possível construir uma carreira acadêmica ancorada na produção de ensaios na área da educação? Partindo da experiência vivida pelas autoras deste trabalho, cuja experiência em pesquisa nos últimos dois anos tem tomado o ensaio como um dos objetos centrais de investigação – por meio dos estudos de pós-doutorado que vêm sendo realizados pela primeira autora, supervisionada pela segunda –, este trabalho discute esse gênero textual a partir de duas perspectivas. Inicialmente discute-se o ensaio como um modo legítimo de escrita acadêmica para narrar conhecimentos construídos nas pesquisas desenvolvidas na área. Posteriormente, com base na perspectiva do pensamento complexo (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003), aborda-se o ensaio como um método de construção de conhecimentos. A discussão revela um corpo teórico consistente que permite sustentar o ensaio como via legítima para a narração de conhecimentos científicos em educação, bem como método para a condução de pesquisas na área.

Palavras-chave: Escrita acadêmica. Pesquisa em Educação. Docência. Professores. Ensino Superior.

Resumen: ¿Es posible construir una carrera académica basada en la producción de ensayos en el área de la educación? A partir de la experiencia de las autoras de este trabajo, cuya trayectoria investigadora durante los últimos dos años ha considerado el ensayo como uno de los objetos centrales de investigación – a través de los estudios posdoctorales realizados por la primer autora, bajo la supervisión de la segunda –, este artículo aborda ese género textual desde dos perspectivas. Inicialmente, se discute el ensayo como una forma legítima de escritura académica para narrar el conocimiento construido en la investigación desarrollada en el área. Posteriormente, desde la perspectiva del pensamiento complejo (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003), se aborda el ensayo como un método de construcción de conocimiento. La discusión revela un cuerpo teórico consistente que permite sustentar el ensayo como forma legítima de narrar el conocimiento científico en educación y como método para se realizar investigación en el área.

Palabras-clave: Escritura académica. Investigación en educación. Docencia. Profesorado. Educación superior.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora do UNIBRASIL e da UFPR no PPG em Educação Teoria e Prática de Ensino. Membro dos grupos de pesquisa GEPEPECOE (UFPR), Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano (UFPR), Comunidade de Prática de Pesquisa Educação Preventiva Integral e Desenvolvimento Humano (UFPR).

² Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Professora do PPG em Educação e do PPG em Educação Teórica e Prática de Ensino (UFPR). Membro dos grupos de pesquisa Comunidade de Prática de Pesquisa Educação Preventiva Integral e Desenvolvimento Humano (UFPR); Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano (UFPR).

Introdução

“É hora de começar! (...) Gosto de que, ao invés de assumir o fracasso, Claudia pense em uma espécie de romance infinito. Seu livro seria um álbum. Gosto de que ela assuma de que muitas perguntas não têm resposta (...).”
(Paloma Vidal, 2021, p. 51)

O ensaio estabelece um diálogo íntimo com seus leitores. Sua linguagem, viva e comunicativa, nasce da própria trama da existência, conectando-se diretamente às experiências do contexto. A obra *Ensaaios*, de Montaigne (2016), um clássico no campo ensaístico, é ilustrativa dessa relação; foi descrita por Scoralick (2016, p. 19) como uma espécie de “álbum de fotografias”. Essa metáfora sublinha a proximidade entre a linguagem, a vida do ensaísta e seu contexto imediato. Destaca, também, a aproximação que o gênero ensaio busca criar com o seu leitor, capturando em palavras o registro de um momento fugaz.

Nessa linha de pensamento, Larrosa (2003) defende o ensaio acadêmico como um modo de escrita livre. O autor não está sozinho; Starobinski, ao discorrer sobre o ensaio literário, também o descreve como “o gênero literário mais livre que há” (STAROBINSKI, 2018, p. 29). Não faremos distinção entre o ensaio acadêmico e o literário, pois sustentamos que o ensaio é, por si só, um gênero mestiço de fronteiras borradas, independentemente de sua classificação. Seria, portanto, contraditório buscarmos traçar uma rígida distinção entre as características de um e outro.

Foi com base nessa compreensão do ensaio como um gênero livre e híbrido que, em 2023, ao ingressar em seu pós-doutorado – cujo tema de pesquisa é a imaginação como princípio epistemológico para a construção de conhecimentos na pós-graduação em educação –, uma questão premente acompanhava a primeira autora deste texto, então doutora recém-graduada, com o desejo de seguir a carreira acadêmica. Essa indagação foi compartilhada com a supervisora de seu estágio pós-doutoral: é possível construir uma carreira acadêmica ancorada na produção de ensaios na área da educação?

Essa inquietação inicial não se restringiu a um diálogo pessoal. Ao longo de todo o percurso de pesquisa, ambas têm investigado intencionalmente essa questão, que será o foco de reflexividade problematizadora neste ensaio. Acreditamos que esta não seja uma pergunta apenas nossa e que, em todo o país, outros pesquisadores e pesquisadoras, juniores e seniores, se indaguem a respeito e busquem brechas para a construção de caminhos possíveis.

É possível construir uma carreira acadêmica ancorada na produção de ensaios na área da educação?

Desejamos nos aproximar e nos juntar a esses pesquisadores para somarmos forças reflexivas a fim de encontrar aberturas viáveis.

Para dar concretude a essa proposta de experimentação e diálogo, este texto se constitui em um ensaio de caráter autobiográfico, redigido com uma articulação entre prosa e poesia de maneira tramada, característica marcante em diversas produções de uma das autoras, nos últimos anos. Para ela, a inserção da poesia no texto em prosa, especialmente em ensaios, permite à escritura (e à alma) ‘res-pirar’, o que, de certa forma, se alinha ao que Júlio Cortázar expressou em uma carta a Octavio Paz (2012): “a operação poética não difere do exorcismo [...] E a atitude do poeta é muito semelhante à do mago”. Desde o princípio, contudo, cumpre alertar o leitor que este ensaio não se encerra com respostas conclusivas, mas na abertura de uma metáfora.

O ensaio na carreira acadêmica: um caminho que só se faz ensaiando

ENSAIO

De que trata o ensaio?

Vida!

O ensaísta quer dizer das questões que importam
afastando-se da rigidez dos padrões e métodos estruturados
que permeiam a academia.
Quer trazer para a sua escrita o arejamento e o frescor das ideias
Colocando no mundo não apenas significados potentes,
mas,
também,
quer colocar a intenção de narrá-los
de modo vigoroso.
Nesse intento, fugir da mesmice é o seu desafio.

Acolhe cartas, poemas, manifestos, narra histórias, faz documentários, compõe músicas
como modos de ensaiar outros jeitos de comunicar
os resultados de suas pesquisas
e de comunicar-se.

Pela intenção de envolver o leitor e de se envolver esteticamente,
Coloca a intensidade da temperatura da vida movente
na sua narrativa.
Exercício contínuo, rigoroso e paciente.
“Engana-se quem imagina
que a produção de um ensaio é tarefa fácil ou banal.”
Produzir ensaios é operar com novos modos de raciocinar,
exercitar a construção de novos mundos,
Instaurar o frescor da dimensão poética da vida

no fazer científico
e
na escrita científica.
(ROLDÃO, 2024b, p. 190-191)

Há mais de vinte anos, em 2003, o renomado educador e ensaísta Jorge Larrosa formulava a pergunta com a qual a primeira autora deste artigo iniciou o seu pós-doutorado, mas de maneira ligeiramente diferente. Em seu texto *O ensaio e a escrita acadêmica*, ele questionava no resumo: “[...] é possível ensaiar em educação, ou dito de outro modo, habitar o espaço educativo como ensaísta?” (LARROSA, 2003, p. 101).

Vinte e poucos anos se passaram; se estamos aqui formulando perguntas semelhantes novamente, é porque o ensaio ainda não se popularizou na academia. Educadores-ensaístas ainda se questionam se conseguirão conquistar e manter um espaço para publicar seus textos, ou, utilizando a metáfora de Maggio *et al.* (2024), se terão seus ensaios acolhidos nas “casas” que escolherem para publicá-los. Além disso, há dúvidas se a academia conferirá legitimidade a esse modo de articular palavras, construir conhecimentos sensíveis e atribuir sentido ao mundo de maneira mais leve e poética, acolhendo todas as implicações e possibilidades que tal abordagem implica e proporciona.

Larrosa (2003), por exemplo, questiona a compartimentalização que a academia por vezes estabelece entre ciência, arte e filosofia. Nesse sentido, ele se aproxima novamente das ideias de Starobinski (2018, p. 24), para quem o ensaio tem a “estética da mistura”. O ensaio é um campo que permite a expressão da singularidade e manifesta a subjetividade dos sujeitos ensaístas, além de favorecer a exploração da imaginação e borrar fronteiras entre a prosa e a poesia (ROLDÃO; ASINELLI-LUZ, 2024). Para Bense (2018, p. 114), o ensaísta é alguém que realiza um experimento, visto que todo ensaio constitui um campo experimental. “O ensaio significa tentativa” e não deve ser confundido com uma tese ou um tratado. O referido autor (2018, p. 121) descreve o ensaísta como “um combinador que cria incansavelmente novas configurações ao redor de um objeto dado”. Assim, a partir dessa definição, compreende-se o ensaísta como alguém que se dedica a imaginar, exercitando a sua atividade criativa para construir conhecimentos por meio da combinação de elementos que, previamente, não estavam associados. Neste sentido, Bense escreve:

Criar uma configuração nova das coisas. Transformar a configuração em que o objeto se dá a nós, esse é o sentido do experimento ensaístico; e a razão de ser do ensaio consiste menos em encontrar uma definição reveladora do objeto e mais em

adicionar contextos e configurações em que ele possa se inserir. De resto, esse procedimento não é despido de valor científico [...]. A imaginação não cria novos objetos, ela confere certas configurações aos objetos – configurações necessárias do ponto de vista de experimentação [...]. Todos os grandes ensaístas associaram o gênio da combinação a uma extraordinária potência imaginativa (BENSE, 2018, p. 121).

As autoras deste texto sustentam que o ensaio, a experiência e a imaginação caminham de mãos dadas no processo de construção de conhecimentos. O ensaio pode, inclusive, dar expressão e linguagem a conhecimentos de dimensões qualitativas que poderiam escapar caso se tentasse exprimi-los por meio de formas mais rígidas. O ensaio investe em um conhecimento atencioso com a dimensão estética da existência. Conforme Roldão e Sá (2023, p. 2), essa dimensão “é uma das multidimensionalidades que formam o humano, [sendo] o conhecimento estético [...] uma das dimensões possíveis do conhecimento”.

Apesar da resiliência do ensaio, Starobinski (2018, p. 15) relembra um fato histórico: “A universidade, no apogeu de seu período positivista, tendo fixado as regras e os cânones da pesquisa exaustiva séria, repelia o ensaio e o ensaísmo para as trevas exteriores, correndo o risco de banir ao mesmo tempo o brilho do estilo e as audácias do pensamento”. No entanto, Richardson (2018) historiciza, no início de seu texto *Novas práticas de escrita em pesquisa qualitativa*, o percurso das possibilidades de escrita para pesquisas qualitativas utilizadas pelos pesquisadores desde o século XVII até os dias atuais. Ela salienta que, atualmente, vivemos um momento de inúmeras e variadas opções a serem exploradas pelos pesquisadores, tanto nos delineamentos metodológicos de suas pesquisas quanto na posterior narrativa de seus resultados. A autora menciona o ensaio como apenas uma dessas novas alternativas a serem cotejadas. De fato, outros autores, como por exemplo Leggo (2018), exploraram a poesia na academia. Mullens, Skukauskaitis e Mitchell (2024) utilizam-na na formação do pesquisador, explorando a poesia no ensino e aprendizagem da própria pesquisa qualitativa.

Tais movimentos entre os pesquisadores levam-nos a perceber que, apesar dos desafios a serem enfrentados, autores como Richardson (2018), Leggo (2018), Mullens, Skukauskaitis e Mitchell (2024), por exemplo, indicam que há avanços recentes e possibilidades de um bom prognóstico como resposta à questão anteriormente levantada no título deste ensaio. Contudo, somente o exercício da prática acadêmica, com seus embates e contradições cotidianas, bem como as inúmeras peculiaridades que marcam as trajetórias acadêmicas de cada pesquisador, poderão trazer respostas efetivamente concretas no futuro.

No ensaio vale tudo? Como fica a questão da qualidade do texto na proposta do ensaio?

Neste subtópico, mudamos a direção de nossa reflexão para abordar o rigor e a qualidade das produções ensaísticas. Como professoras que trabalham ensinando o ensaio, percebemos que, de início, quando os estudantes universitários e pós-graduandos estão aprendendo o que é um ensaio e como podem materializá-lo em sua escrita acadêmica, parecem atravessar uma primeira etapa onde pensam que vale tudo. De certo modo, como se viu anteriormente, diz-se que o ensaio “é o gênero literário mais livre que há” (STAROBINSKI, 2018, p. 23). Segundo Bense (2018, p. 119), ele “comporta tudo o que pertence à categoria do espírito crítico: a sátira, a ironia, o cinismo, o ceticismo, a argumentação, o nivelamento, a caricatura [...]”. Contudo, não nos enganemos, o próprio Bense (2018, p. 121) nos alerta: “o ensaio é a forma literária mais difícil de se dominar e a mais árdua de se avaliar”.

Essa complexidade intrínseca é reforçada pela afirmação de que o ensaio “é atividade fundamentalmente complexa pelas tramas, teias e urdiduras que a sua tessitura solicita” (ROLDÃO; ASINELLI-LUZ, 2024, p. 28). Não se escreve um ensaio como se redige um texto científico de caráter quantitativo; o ensaio solicita uma linguagem e um envolvimento com a redação que são de ordem estética e sensível. Tendo isso em conta, para avaliar um ensaio acadêmico, não se podem utilizar os mesmos critérios que se utilizariam para a avaliação de um artigo quantitativo.

Nesse contexto de busca por critérios adequados, o apontamento de Barbosa, Raposo e Gonçalves (2024, p. 26) pode ser bastante útil para pensarmos a qualidade de um ensaio: “O rigor do gesto ensaístico está ligado à possibilidade de uma escrita que se faz rente ao vigor do pensamento, que opera no fulgor que se abre quando o pensamento se depara com o inesperado, o extemporâneo, que abala e desestabiliza o gênero, a razão, o cânone, a lei”. O vigor do pensamento – que se expressa em uma escrita que gera estranhamento, mobilização, deslocamento a partir do contato com a leitura do texto – passa a ser o lugar a partir do qual as autoras citadas propõem colocar o rigor para funcionar a partir de “um outro lugar”, e perguntam: “Se o rigor não está dado de antemão, podemos então ensaiá-lo?” (BARBOSA; RAPOSO; GONÇALVES, 2024, p. 26).

É possível construir uma carreira acadêmica ancorada na produção de ensaios na área da educação?

RIGOR CIENTÍFICO

A racionalização foi acolhida
como o caminho reflexivo sustentável na ciência, por muito tempo!
Naturalizou-se o modo do fazer e do dizer científico.

A consequência foi
A exclusão do imaginário e da imaginação,
da subjetividade e do sujeito partícipe
na construção do conhecimento científico.

Fruto de tal concepção advém, também,
de uma noção de rigor científico
que pode deixar de fora a vivacidade vibrante do pensamento,
diante da aleatoriedade.
Seria um... EN-SAI-O?

Ao problematizar o rigor mui' recentemente,
há quem nos tenha convidado na atualidade
a escutar esse rigor
“tombando no fundo do mar”

Você deu ouvidos?
Eu sim!
(ROLDÃO, 2024b, p. 188)

A busca pelo conhecimento como um ensaio: um caminho que se faz ao caminhar

Tendo abordado o ensaio como um gênero narrativo, passaremos agora a abordá-lo como método. Em sua obra clássica, *Educar na Era Planetária*, escrita em parceria com Emilio-Roger Ciurana e Raul Motta, Morin (2003) e seus colaboradores elucidam, no capítulo intitulado “O Método”, ideias fundamentais para a compreensão de método no pensamento complexo. É importante ressaltar que o tema do método é central na obra moriniana; perpassa-a em sua totalidade, especialmente nos seis volumes de *O método* (MORIN, 2011a, 2011b, 2015a, 2015b, 2016), mas também foi abordado em outras publicações, como em *Sociologia* (MORIN, 1995) e *A aventura de O método e Para uma racionalidade aberta* (MORIN, 2020).

Em *Educar na Era Planetária*, Morin, Ciurana e Motta (2003) estabelecem uma relação entre experiência, método e ensaio – título do primeiro subtópico do capítulo 1. Os autores são categóricos ao afirmar: “[...] o ensaio é também um método” (MORIN;

CIURANA; MOTTA, 2003, p. 19). Compreendem método como sinônimo de caminho, ensaio gerativo, estratégia, atividade pensante de um sujeito criativo.

Nesta perspectiva, compreendemos que, se ensaio é um método e se ensaiar é fazer experiência – como abordado na primeira parte deste texto –, então a busca pelo conhecimento, construir um percurso de pesquisa na academia e definir uma estratégia de investigação para nosso objeto de estudo é, em essência, fazer experiências. Trata-se de encontrar os próprios caminhos, ensaiando não apenas na escrita, mas também na condução da pesquisa científica, na construção de conhecimentos. O ensaio, assim compreendido, ultrapassa as experiências da escrita para acolher as da condução de processos de construção de conhecimentos científicos. Tal como na escrita, em que se desfruta neste gênero da superação dos modelos de expressão rígidos, aqui também se ousa na condução de processos de pesquisa que se constroem ao caminhar. O conhecido verso do poema de Antonio Machado, citado por Morin, Ciurana e Motta (2003, p. 21), serve de inspiração neste processo: “*Caminante no hay camino, se hace camino al andar*”. Ao citar o poeta, os autores destacam que o caminho emerge no decurso da pesquisa; é no processo que ele se apresenta, e não antecipadamente. Citando Nietzsche, os autores sustentam: “o método vem no final” (ibidem, p. 22).

Ao ensaiarem as suas experiências no percurso da pesquisa, os pesquisadores se transformam. Tal qual em uma experiência de viagem em que se volta transformado pelas vivências, os ensaios de pesquisa também transformam os investigadores. Larrosa (2004) nos lembra que ensaiar é sempre ensaiar-se, pois o ensaísta pensa e ensaia a partir de si mesmo (nunca desconectado do seu contexto, mas sempre nele mergulhado). Ele traz a sua subjetividade para pensar o mundo e se conectar com os seus conterrâneos.

A capacidade de se lançar na experiência, de ensaiar, é fundamental para o ensaísta. Nesse sentido, trazemos a seguir uma metáfora de Michel Serres (1993, p. 11), que nos ajuda a refletir sobre essa feitura e as transformações que se dão em seu caminho:

Ninguém sabe nadar de fato antes de ter atravessado, sozinho, um rio largo e impetuoso, um braço de mar agitado. [...]
Parta, mergulhe. Depois de ter deixado a margem, você continuará durante algum tempo muito mais perto dela do que da outra à sua frente, tempo bastante, pelo menos, para que seu corpo se aplique ao cálculo e silenciosamente reflita que ainda pode voltar. Até um certo limiar, você conserva esta esperança: o mesmo que dizer que ainda não partiu. Do outro lado da aventura, o pé confia na aproximação, desde que tenha ultrapassado um segundo limiar: você está tão próximo da margem que pode dizer que já chegou.

É possível construir uma carreira acadêmica ancorada na produção de ensaios na área da educação?

Considerando essa imersão necessária em nossas jornadas investigativas, nossos ensaios por vezes revelam que não estamos sozinhos nestes ‘nados exploratórios de uma margem a outra’, desde a partida até a chegada ao nosso destino. A metáfora de Serres (1993) pode muito bem ilustrar aqueles momentos que podemos vivenciar durante nossas tentativas, quando pensamos em desistir no meio do processo criativo. Mas neste caso, como seria possível saber onde se poderia chegar, caso o percurso fosse completado? Retomando a pergunta inicial que intitula este artigo: como seria possível construir uma carreira acadêmica ancorada no ensaio se não houver a ousadia de buscar sustentar tal trajetória?

O QUÊ?

Saber...

O que é preciso fazer morrer

Eis o primeiro movimento rumo à transformação.

Saber...

O que é necessário fazer viver.

Eis o movimento seguinte, para um novo momento.

Gestar o futuro desejado

Aduar a imaginação para que, florescendo,

Traga o novo ardentemente desejado.

E você,

almeja o quê?

(ROLDÃO, 2024b, p. 171)

Ensaiai é preciso! Ousar também é preciso!

Verônica Castelo Branco, engenheira e professora de Engenharia de Transportes da Universidade Federal do Ceará, em seu crítico e criativo texto intitulado *In-submissão científica* (BRANCO, 2019, p. 55-56, 61), expressa: “às vezes penso que algumas emoções merecem ser registradas. É uma chance que temos de revisita-las. [...]. Lembra: Qual é a história que só você pode contar?”. Esse trecho da obra da autora nos inspira a registrar um pouco do nosso trabalho pessoal no sentido de fomentar a escrita de ensaios entre estudantes universitários.

Quando a pesquisadora compartilhou com sua supervisora a indagação que lhe inquietava e que deu título a este ensaio, a supervisora respondeu: “Eu não sei se é possível, mas vou estar do seu lado!”. A pesquisadora ficou, primeiramente, profundamente tocada por tal resposta. Em sua interpretação, ela escutou como se a supervisora estivesse dizendo: “Vamos tentar!”.

Inspirada por essa perspectiva de colaboração e experimentação, a supervisora começou a solicitar ensaios como trabalhos finais das diversas disciplinas que ministrava com outros docentes, como parte das avaliações. Além disso, em sua Comunidade de Prática de Pesquisa (CPP), anualmente um livro era organizado e publicado coletivamente. Nesse ano, a pesquisadora (primeira autora deste texto) foi convidada a organizar a obra em conjunto com outros pesquisadores da comunidade e o tema central para a escrita foi o ensaio.

A partir desta mobilização, vários pesquisadores da CPP se dedicaram a estudar, a refletir e praticar a escrita do ensaio, visando a publicação que estava sendo organizada. Desse esforço, nasceram ensaios escritos a partir de diferentes abordagens, resultando na obra *Provocações ensaísticas em educação* (ASINELLI-LUZ; ROLDÃO, 2024).

A pesquisadora Flávia Gasparin (2024) redigiu o seu ensaio, intitulado *Sinfonia da educação: versos de uma jornada docente*, na forma de coleção de poesias. Swellen Ramos Arantes (2024) escreveu o seu ensaio – *Das aprendizagens e dos desafios de atuar como auxiliar de pesquisa: um ensaio na forma de cartas e poesias* –, apresentando e comentando, em prosa e versos, trechos de uma carta compartilhada pela pesquisadora em cuja pesquisa ela colaborou, e expõe reflexivamente as suas vivências como auxiliar de pesquisa. Jardel Barszcz (2024) escreveu um ensaio tendo a música como fonte de inspiração. Partiu da canção “Alucinação”, do renomado compositor Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle Fernandes, para refletir sobre narrativas da vida policial, intitulando seu ensaio de *A narrativa da vida policial e o convite para a escrita das experiências*. Júlio Cesar Ponciano (2024), assim como outros pesquisadores que integraram o livro, não faziam parte da CPP, mas foram convidados a submeter seus textos e os tiveram aprovados para a obra. O pesquisador escreveu um criativo ensaio sobre o método na forma de narrativa de uma história, intitulado *O rabo da lagartixa: ensaio imaginativo sobre o método na tese científica*.

Estes textos são apenas alguns exemplos dos ensaios acadêmicos criativos gestados pelos pesquisadores, com o intuito de convidar o público-alvo da obra – os educadores – a refletir sobre diversos temas relacionados à educação. Na obra, esses temas foram abordados de maneira leve, imaginativa, vigorosa e rigorosa, explorando o gênero ensaio na escrita acadêmica.

Em consonância com esses desenvolvimentos, o método utilizado pela pesquisadora (primeira autora) em sua pesquisa de pós-doutorado foi fundamentado nos pressupostos

É possível construir uma carreira acadêmica ancorada na produção de ensaios na área da educação?

teóricos e epistemológicos do pensamento complexo. Isso lhe permitiu conduzir seu processo investigativo dentro desta perspectiva ensaística do método.

Durante o seu pós-doutorado, a disciplina “Ateliês Imaginativos e Complexidade”, ministrada por ela e sua supervisora nos dois Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná, abordou o tema dos ensaios, mobilizando os estudantes pós-graduandos a refletir, estudar e ousar produzir a partir deste gênero. Alguns estudantes, motivados pelos estudos, escreveram ensaios em coautoria com a pesquisadora e sua supervisora. Como afirma Roldão (2024b, p. 18) “Nada muda se nada mudar. É preciso conquistar outros modos de pensar e construir conhecimentos. Aprender a bifurcar. Explorar novos territórios [...]”.

Se o ensaio era visto por Larrosa (2003, p. 102) como “[...] uma das figuras do que é excluído da academia, pelo menos das formas de pensar que dominam no mundo acadêmico”, em 2025 não se pode mais afirmar que ele está excluído. Isso é comprovado tanto pelo relato anteriormente apresentado quanto pela existência desse volume, de um qualificado periódico, totalmente dedicado ao tema do ensaio. No entanto, o que se pode concordar com o autor é que o gênero não domina o mundo acadêmico e nem é, ainda, aceito em todos os periódicos e chamadas científicas para publicação. Entretanto, é preciso salientar que, apesar dos obstáculos a serem gerenciados e superados, os dados destacados indicam abertura de caminhos importantes e avanços crescentes.

DÚVIDAS...

Até os poemas começaram com títulos que são interrogações! – ela observou.

Mas... as pesquisas iniciam com certezas?

Pesquisa é terreno de ensaio – [nos ajudaria a refletir Edgar] Morin.

Assim, ao responder...

Aliviou-se!

Foram muitas as incertezas do caminho,

Dúvidas que geraram perguntas, questões a serem resolvidas.

Não se chama isso: In- ves-ti-ga-ção?

Era curiosíssimo fazer essa caminhada investigativa inventiva autoral.

Ao mesmo tempo que gerava medo,

Reclamava a sustentação da ansiedade,

Trazia a alegria da curiosidade.

Stengers alerta para o valor da alegria na pesquisa

E salienta que em uma pesquisa triste, os pesquisadores não dançam.

O vínculo é o que faz os pesquisadores dançarem! – sustenta ela!

Parafraseando Stengers:

O vínculo é o que faz as pessoas trazerem a poesia p’ra investigação.

Pesquisa é terreno de apostas, construções mestiças, imaginação.
E neste terreno da incerteza, unidos pelo vínculo da amizade,
[As pesquisadoras] podem trazer a sua alegria p'ra dançar.
(ROLDÃO, 2024b, p. 192-193)

Considerações provisórias

*Viver é navegar num oceano de incertezas,
reabastecendo-se em ilhas de certezas.
Esteja à espera do inesperado.*
Edgar Morin, 2021, p. 107)

O tema da incerteza tem perpassado a obra moriniana em diferentes textos (MORIN, 2011b, 2012, 2013, 2015a, 2015b, 2021). Em uma de suas obras, Morin (2013, p. 64) oferece pistas de como lidar com as incertezas: “[...] sei que podemos cada vez mais responder às incertezas com a estratégia [...]”.

Diante da premissa da incerteza como parte da vida, retoma-se, por fim, a questão que intitula este artigo: é possível fazer do ensaio a âncora de uma carreira na educação? Após as discussões anteriormente apresentadas, o estímulo da poesia de Antonio Machado resgatado por Morin, Ciurana e Motta (2003), o apoio da supervisora à pesquisadora, a lembrança de Morin acerca da inevitabilidade das incertezas como uma marca da vida – mas, ao mesmo tempo, o seu ensejo de que esperemos pelo inesperado (MORIN, 2021) –, finalizamos sob inspiração de Clarice Lispector e Tamara Kamenszain, não com uma resposta, porém, com uma pista reflexiva aos pesquisadores-ensaístas que, como nós, possam se inquietar com a pergunta-mote que intitula este texto. Cientes da norma geralmente utilizada na escrita acadêmica, em que não é comum a finalização de um texto com uma citação, pedimos ao leitor uma licença poética, para finalizar este texto com uma citação de Lispector e outra de Kamenszain (com tradução de Paloma Vidal) que, ao discorrer sobre livros, poemas e estribilhos, nos oferecem um trecho que tomamos como metáfora poética para compor o desfecho deste ensaio.

ESCREVENDO

Não me lembro mais onde foi o começo, foi por assim dizer escrito todo ao mesmo tempo. Tudo estava ali, ou devia estar, como no espaço-temporal de um piano aberto, nas teclas simultâneas do piano. Escrevi procurando com muita atenção o que se estava organizando em mim e que só depois da quinta paciente cópia é que passei a parecer. Meu receio era de que, por impaciência com a lentidão que tenho

É possível construir uma carreira acadêmica ancorada na produção de ensaios na área da educação?

em me compreender, eu estivesse apressando antes da hora um sentido. Tinha a impressão de que, mais tempo eu me desse, e a história diria sem convulsão o que ela precisava dizer (LISPECTOR, 1999, p. 122).

Chegar (...) supõe que os fragmentos caíam de maduros, como quem diz: “Até aqui chegamos” (KAMENSZAIN, 2021, p. 20).

Referências

ARANTES, Swellen Ramos. In: ASINELLI-LUZ, A.; ROLDÃO, F. D.; BARSZCZ, J.; KLABUNDE, N.T. *Provocações ensaísticas em educação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p. 87-96.

ASINELLI-LUZ, A.; ROLDÃO, F. D.; BARSZCZ, J.; KLABUNDE, N.T. *Provocações ensaísticas em educação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

BARBOSA, N. T.; RAPOSO, V. C. A.; GONÇALVES, T. N. R. Você não escutou? Esse é o som do rigor tombando no fundo do mar. *Revista Artes de Educar*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 18-34, set./dez. 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/84696>. Acesso em: 23 dez. 2024.

BARSZCZ, Jardel. *A narrativa da vida policial e o convite para a escrita das experiências*. In: ASINELLI-LUZ, A.; ROLDÃO, F. D.; BARSZCZ, J.; KLABUNDE, N.T. *Provocações ensaísticas em educação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p. 117-126.

BENSE, Max. O ensaio e sua prosa. In: PIRES, Paulo Roberto. *Doze ensaios sobre o ensaio: antologia serrote*. São Paulo: IMS, 2018. p.110-124.

BRANCO, Verônica Castelo. In-submissão científica. In: CAVALCANTE JUNIOR, Francisco Silva. *Escrita experimental*. Curitiba: CRV, 2019. p. 55-67.

GASPARIN, Flávia. Sinfonia da educação: versos de uma jornada docente. In: ASINELLI-LUZ, A.; ROLDÃO, F. D.; BARSZCZ, J.; KLABUNDE, N.T. *Provocações ensaísticas em educação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p. 43-54.

KAMENSZAIN, Tamara. Livros pequenos: fragmentos. Tradução de Paloma Vidal. In: CHARBEL, Felipe; MAGRI, Ieda; GUTIÉRREZ, Rafael (org.). *Experimento aberto: invenções no ensaio e na crítica*. Belo Horizonte: Relicário, 2021. p. 11-20.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 101-115, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25643>. Acesso em: 24 jul. 2025.

_____. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 29, n. 1, jan./jun. p. 27-43, 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25417>. Acesso em: 24 jul. 2025.

LEGGO, Carl. Poetry in the academy: A language of possibility. *Canadian Journal of Education/Revue canadienne de l'éducation*, [s. l.], v. 41, n. 1, p. 69-97, 2018. Disponível em: <https://journals.sfu.ca/cje/index.php/cje-rce/article/view/2453>. Acesso em: 20 jul. 2025.

LISPECTOR, Clarice. Escrevendo. In: LISPECTOR, Clarice. *Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 122-123.

MAGGIO, Lauren A. *et al.* The best home for this paper: A qualitative study of how authors select where to submit manuscripts. *Perspectives on Medical Education*, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 442-451, 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/383894774_The_Best_Home_for_This_Paper_A_Qualitative_Study_of_How_Authors_Select_Where_to_Submit_Manuscripts. Acesso em: 20 jul. 2025.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*. Tradução e notas de Sérgio Millet. São Paulo: Editora 34, 2016.

MORIN, Edgar. *Sociologia*. Tradução de Maria Gabriela de Bragança e Maria da Conceição Coelho. Madrid: Editorial Tecnos, 1995.

_____. *O método 4: as ideias, habitat, vida, costumes*. Tradução de Juremir Machado da Silva. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011a.

_____. *O método 6: ética*. Tradução de Juremir Machado da Silva. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011b.

_____. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Tradução de Juremir Machado da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. *Meus demônios*. Tradução de Leneide Duarte e Clarice Meireles. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

_____. *O método 2: a vida da vida*. Tradução Marina Lobo, Simone Cerê e Tânia do Vale Tschiedel. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015a.

_____. *O método 3: o conhecimento do conhecimento*. Tradução de Juremir Machado da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015b.

_____. *O método 1: a natureza da natureza*. Tradução de Ilana Heineberg. Porto Alegre: Sulina, 2016.

_____. *A aventura de O método e Para uma racionalidade aberta*. Tradução: Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. São Paulo: Edições SESCSP, 2020.

_____. *Lições de um século de vida*. Tradução de Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. *Educar na Era Planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

MULLENS, A., SKUKAUSKAITE, A., MITCHELL, M. K. Poetry in teaching & learning qualitative research. *The Qualitative Report*, [s. l.], v. 29, n. 6, p. 1548-1564, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2024.7336>.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*: Octavio Paz. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PONCIANO, Júlio Cesar; PONCIANO, Giuliana, Feil; HARACEMIV, Sônia Maria Chaves. O rabo da lagartixa: ensaio imaginativo sobre o método na tese científica. In: ASINELLI-LUZ, A.; ROLDÃO, F. D.; BARSZCZ, J.; KLABUNDE, N.T. *Provocações ensaísticas em educação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p. 55-73.

RICHARDSON, Laurel. Novas práticas de escrita em pesquisa qualitativa. *Urdimento*, Florianópolis, v. 2, n. 32, p. 542-561, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102322018542>. Acesso em 24 jul. 2025.

ROLDÃO, F. D. *Contribuição para estratégias imaginativas na universidade: diálogos com Morin e Vigotski*. Curitiba: Appris, 2024a.

_____. *Ateliês Imaginativos na pós-graduação: imaginação na construção e narração de conhecimentos na pesquisa em educação, na perspectiva do Pensamento Complexo*. 2024. 212 f. Relatório (Pós-doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2024b.

ROLDÃO, F. D.; SÁ, R. A. Experiência estética e religação do conhecimento na educação: um ensaio a partir dos pressupostos teóricos do pensamento complexo. *Educação*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 1-8, jan./dez. 2023.

ROLDÃO, F. D.; ASINELLI-LUZ, A. Breve ensaio sobre o ensaio: tateando uma perspectiva complexa. In: ASINELLI-LUZ, A.; ROLDÃO, F. D.; BARSZCZ, J.; KLABUNDE, N. T. *Provocações ensaísticas em educação*. São Carlos: Pedro & João, 2024. p. 15.

SCORALICK, André. Apresentação. In: MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*. Tradução e notas de Sérgio Millet. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 13-33.

SERRES, Michel. *Filosofia mestiça*. Tradução de Maria Ignes Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

STAROBINSKI, Jean. É possível definir o ensaio? In: PIRES, Paulo Roberto (org.). *Doze ensaios sobre o ensaio*. São Paulo: IMS, 2018. p. 12-26.

VIDAL, Paloma. Não escrever. Cadernos com R. B. In: CHARBEL, Felipe; MAGRI, Ieda; GUTIÉRREZ, Rafael (org.). *Experimento aberto: invenções no ensaio e na crítica*. Belo Horizonte: Relicário, 2021. p. 51-60.

Recebido em: 24/07/2025; **Aceito em:** 23/08/2025.